



**INSTITUTO DE HUMANIDADES BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM
HUMANIDADES**

MARCELINO CLODE N´CABNA

**MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM HAFIA, GUINÉ-BISSAU (2011-2020)**

REDENÇÃO

2025

MARCELINO CLODE N´CABNA

**MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA
EDUCAÇÃO INFANTIL EM HAFIA, GUINÉ-BISSAU (2011-2020).**

Trabalho de conclusão de curso em formato de projeto de pesquisa para Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADORA: PROFA. Dra. LARISSA OLIVEIRA E
GABARRA

REDENÇÃO-CE

2025

Resumo

Este trabalho investiga a importância do ensino de música na Educação Infantil no bairro de Hafia, Guiné-Bissau, entre 2011 e 2020. A Guiné-Bissau é um país de base oral, rico em diversidade étnica e cultural, no qual a música se apresenta como importante elemento de identidade. O objetivo geral da pesquisa é compreender como a música pode ser utilizada como instrumento pedagógico no processo de letramento infantil em uma comunidade oral e multiétnica. O referencial teórico, especialmente Zaboli (1998), destaca que a música estimula o desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social da criança, promovendo a aprendizagem de forma lúdica e eficaz. Ela contribui para a concentração, memorização, criatividade e interação social. A metodologia adotada baseia-se na História Oral e apoia-se no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2015), ancorando-se na experiência do pesquisador como educador na comunidade de Hafia. A trajetória relatada evidencia que a musicalização infantil, mesmo em contextos de vulnerabilidade e ausência de infraestrutura, pode favorecer de modo significativo o processo de alfabetização, reforçando a cultura local e facilitando a aprendizagem por meio do canto, do ritmo e da repetição. O uso da música nas aulas surgiu como solução prática às dificuldades enfrentadas, demonstrando ser um recurso acessível, motivador e eficaz no desenvolvimento integral das crianças da comunidade pesquisada.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Musicalização. Letramento. História Oral. Escrevivência.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	5
1.2 JUSTIFICATIVA.....	8
1.3 PROBLEMA:.....	10
1.4 OBJETIVO GERAL	10
1.5 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO/ ESTADO ARTE	10
4 METODOLOGIA	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

1 INTRODUÇÃO

Apesar de a Guiné-Bissau, em termos de grandeza territorial (36.125 km²), não ser um país extenso, apresenta uma grande riqueza cultural. Essa riqueza refere-se às tradições de inúmeras etnias que compõem a população do país. Cada grupo possui seu próprio estilo musical e suas danças. A identidade da Guiné-Bissau é formada por esses diferentes grupos étnicos, cada qual com sua própria cultura e línguas. Quanto aos estilos musicais: o povo Balanta possui kussunde e broxa; os Mandingas têm djambadom; os Bijagós possuem cabaró e kundere; os Mandjaco têm cacau, urá e cambés; os Nalú têm sacala; os Pepel têm cansaré; e os Mancanha possuem parnanpatch, dans e caneca. Os grupos Fula, Felupe, entre outros, requerem pesquisas mais aprofundadas, pois as gerações mais jovens e urbanas pouco conhecem seus estilos musicais tradicionais¹.

A pesquisa versa sobre a experiência vivenciada entre 2011 e 2020 em uma escola do bairro Hafia, localizado na periferia da cidade de Bissau, capital do país. Nesse bairro, existe uma comunidade vinculada à Igreja Católica Santo Agostinho. Segundo pesquisa realizada na própria comunidade, Hafia é um nome conhecido entre emigrantes oriundos da Guiné Conacri, país vizinho. Na Guiné-Bissau, Hafia é o nome do bairro fundado por um grupo de “homens-grandes”, expressão utilizada para designar os mais velhos e respeitados na comunidade, detentores de experiência de vida ou autoridade tradicional. Hafia é uma palavra de origem Fula que significa bem-estar, harmonia, saúde e bênção. O bairro registra um dos maiores números de emigrantes da Guiné Conacri em comparação aos demais bairros da capital.

As etnias presentes no bairro convivem sem grandes conflitos, apesar das diferenças culturais e linguísticas. Não há tabu em relação aos casamentos interétnicos: Fula casa com Balanta, Felupe casa com Mandjaco, Mandinga casa com Bijagó, entre outros. Cada grupo traz sua cultura e língua, enriquecendo a diversidade do bairro. Um exemplo da convivência religiosa ocorre durante o Ramadã, quando muçulmanos convidam cristãos e adeptos da religião tradicional para festejarem juntos; o mesmo ocorre em celebrações cristãs. Isso acontece devido ao respeito mútuo entre as religiões, lembrando que a Guiné-Bissau é um país laico, onde cada pessoa é livre para praticar a religião com a qual se identifica. Esta pesquisa pretende investigar a importância da música no cotidiano das etnias de maior expressão no bairro Hafia: Fula, Balanta, Mandinga e Manjaco.

¹A pesquisa sobre os ritmos de cada etnia da Guiné-Bissau foi feita aqui na Unilab com os colegas que a maioria deles vierem de áreas urbanas de Bissau e também com rural.

A presença do Estado guineense é mais perceptível apenas nas áreas próximas à capital Bissau e nas capitais regionais, Setor Autônomo de Bissau, Gabú, Bafata, Bolama e Oio, onde se concentram as instituições públicas. No bairro de Hafia, a assistência à saúde é oferecida majoritariamente por clínicas privadas, não havendo hospital público. O bairro também carece de saneamento básico e de outros elementos da urbanização, como iluminação pública e água encanada. A água encanada está presente apenas em Bissau e em alguns bairros próximos, como Bairro de Ajuda, Belém e Missira.

Em relação à educação, o bairro Hafia possui apenas uma escola pública, que oferece ensino do primeiro ao décimo segundo ano. Há mais escolas privadas, sendo a Casa Emanuel a única que disponibiliza desde a Educação Infantil até o décimo segundo ano. As demais — Restauração Familiar, 3 de Julho, Escola de Junior, Escola Comunitária Casa de Amor, Escola Kairos e Centro Educativo Nova Esperança — atendem apenas da primeira à quarta classe ou até o quinto ano. Nessas instituições, após concluir o quarto ou o sexto ano, a criança precisa migrar para a escola pública ou para outra escola privada que ofereça séries mais avançadas. A continuidade dos estudos depende da condição financeira da família, que define se é possível optar por escola privada ou pública. Há ainda uma universidade privada, Colinas de Boé. No entanto, não é na escola formal que ocorre a maior parte da formação de crianças e jovens. Segundo Trindade (2013),

a fala, a palavra dita ou silenciada, ouvida ou pronunciada – ou mesmo segredada – tem uma carga de poder muito grande. Pela/Na oralidade, os saberes, poderes, quererem são transmitidos, compartilhados, legitimados. Se a fala é valorizada, a escuta também. O conto, a lenda, a história, a música, o dito, o não-dito, o fuxico... Apalavra carrega uma grande e poderosa carga afetiva. (Trindade, 2013, p. 98).

Embora Trindade (2013) trate da população negra no Brasil, na Guiné-Bissau a realidade não é diferente. Trata-se de um país de base oral, rico em tradição oral, onde a transmissão de conhecimentos, histórias e culturas é feita de boca a boca. Meu pai contava histórias da luta de libertação e sempre repetia as mesmas narrativas; ainda assim, nunca nos cansávamos de ouvi-las, como afirma Hampaté Bâ (2003, p. 9), “nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito.” Portanto, a oralidade é uma fonte rica da expressão cultural guineense, com histórias, mitos e músicas que refletem a identidade africana e a experiência dos povos guineenses e principalmente nos ensinam a sociabilidade. Isso é resultado direto da influência das nossas culturas africanas e tradições, que são marcadas pela diversidade étnica, linguística e musical que caracteriza o país. Porque na época que não tinha celular, mas também numa época, que a tecnologia era a própria palavra, a pessoa andava quilômetros para levar o recado para outra tabanca.

Antigamente, não era raro ver um homem chegar a pé de uma aldeia distante apenas para trazer a alguém um aviso ou instruções a seu respeito que havia recebido em sonhos. Feito isto, simplesmente retornava, como um carteiro que tivesse vindo entregar uma carta ao destinatário. Não seria honesto de minha parte deixar de mencionar este tipo de fenômenos no decorrer da história, porque faziam - e sem dúvida, em certa medida ainda fazem - parte de nossa realidade vivida”. (Hampâté Bâ, 2003 p.10)

A palavra é importante, mas o ritmo e a música também carregam mensagens essenciais para o imaginário coletivo. O povo guineense possui rica tradição musical, influenciada por diferentes culturas, inclusive de outros países. A música é utilizada em diversos contextos, como celebrações de casamentos, rituais de fanado e eventos sociais. Além de ser expressão cultural diversificada, a música africana possui herança histórica constituída há séculos, descrita por uma variedade de estilos, gêneros e instrumentos que refletem a diversidade cultural e étnica do continente. Entre os instrumentos utilizados destacam-se bumbulum, balafo, tambor, kora e flauta.

A música de maneira geral é composta por: ritmo, compasso, melodia, harmonia e acorde. O ritmo é o que determina o tempo da música, através da duração de cada som, faz-se a marcação regular, entre sucessivos sons fracos ou fortes, dividindo-lhes em porções de valor chamados de compasso. Também os compassos são classificados conforme essa divisão de sons, temos: compasso binário, ternário e quartenário. Falando da melodia, ela é sequência de notas tocadas sucessivamente e organizadas no tempo para dar sentido para a pessoa que está ouvindo. É a melodia que dá ao ouvinte o poder de entender como a música é simples e saborosa. Portanto, para ter uma melodia precisa organizar as notas musicais com suas respectivas durações, intensidades de altura; quanto mais simples a melodia for, também mais fácil é de memorizar ou fixar.

A harmonia é quando é tocado duas ou mais notas juntas ao mesmo tempo. Duas notas tocadas ao mesmo tempo é um acorde. Quando pegamos diferentes notas e tocamos todas juntas no mesmo tempo, formando vários acordes, isso é a harmonia. Essa harmonia pode ser encontrada não apenas na música, mas também em diferentes contextos, como no trabalho que desenvolvi na Igreja em 2018, onde eu trabalhava com todos os grupos etários, adolescente, jovens, crianças, pais e mães, formando corais mistos e buscava sempre criar uma atmosfera harmoniosa entre membros dos grupos. O público alvo eram as famílias. O meu coral de crianças chamava-se Coralinho. Esse projeto de coral de crianças foi ideia de uma colega minha de nome Alfoncina. Ela me falava sempre: Marcelino, vamos criar um coral de crianças? E eu respondia: - Não tenho tempo, porque ainda estou estudando no Liceu, além disso tenho que dar aula na escola que criei e temos ensaios dos outros grupos de coral mistos.

Mesmo diante da minha negativa, fui procurado pela “mais velha” do Coro Agostiniano, o coro principal, posição que representa grande autoridade. Assim, não pude continuar recusando e decidi priorizar o pedido. Fixei um aviso na comunidade: Aos domingos, depois da santa missa, haverá encontro com todas as crianças para formação do coral infantil denominado Coralinho. Após a missa do dia 20 de junho de 2021, realizamos o primeiro encontro e definimos que os ensaios ocorreriam aos sábados, com os seguintes critérios: as crianças deveriam apresentar bom comportamento em casa, respeito aos mais velhos e aos colegas, além de bom rendimento escolar. Eu realizava visitas regulares às casas das crianças para verificar esses critérios.

Nos ensaios eu reforçava com as crianças que elas deveriam tirar boas notas na escola para poder continuar a frequentar os ensaios de Coralinho. Esse método de avaliação e controle, naquele momento deu muito certo. Elas se empenharam na escola e no coral e algumas mães vieram me agradecer por mudar vidas dos filhos delas.

Assim, a música e a educação formal tornaram-se partes integrantes do meu cotidiano, espaços de vivência e de reflexão sobre sua importância e sobre maneiras de trabalhá-las com as crianças. Nesse sentido, pretendo, em um primeiro momento, abordar as possibilidades do ensino da música para crianças, como métodos lúdicos que envolvem canções alfabéticas, soletração com movimentos, improvisação, uso de tambores e chocalhos para estimular a criatividade e a coordenação motora. Em um segundo momento, busco sistematizar os efeitos e consequências da música como metodologia no ensino da Educação Infantil na comunidade de Hafia, Guiné-Bissau. Esses métodos auxiliam no desenvolvimento da fala, no fortalecimento da memória e no aumento do foco por meio dos ritmos.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho é importante porque pode contribuir com o sistema educativo guineense, auxiliando professores e educadores no exercício de sua função. Também é relevante por oferecer às crianças a oportunidade de explorar sua criatividade e expressar seus sentimentos por meio da música. Essa dupla contribuição, didática para o professor e artística para o aluno, proporciona uma significativa possibilidade de formação para ambas as partes.

A Educação Infantil é uma etapa fundamental na formação das crianças. Nela se encontra a fase inicial do processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e social das pessoas. É porque nessa fase, as crianças começam a desenvolver suas habilidades cognitivas, por exemplo como aprender a falar, ler e escrever. Também essa fase ajuda as crianças a formarem seus hábitos, rotinas, a disciplina e responsabilidade.

E a Educação Infantil ajuda a criança a construir a sua autoestima e confiança, o que fundamental para o seu desenvolvimento emocional. Sendo assim, a música é considerada como uma ferramenta importante no processo de desenvolvimento da criança.

A música sensibiliza, ensina e educa. Sua própria essência visa ajudar o indivíduo a manifestar alegria e aprendizado. Por isso, constitui necessidade social e cultural, sendo um meio fértil de transmissão de mensagens. Na Guiné-Bissau, a música pode ser um recurso pedagógico valioso para o desenvolvimento integral das crianças. Contudo, a metodologia que utiliza a música como instrumento na Educação Infantil ainda é pouco explorada no processo de ensino e aprendizagem. Trabalhar a música de forma efetiva em um país com inúmeras línguas e culturas pode ser um princípio norteador importante para o desenvolvimento integral e para o letramento das crianças. Assim, este trabalho torna-se relevante para disseminar práticas pedagógicas que auxiliem o uso da música nesse nível educacional.

Quando cheguei no Brasil, em relação para estudar na UNILAB, trabalhei na “Casa Encantada”, que é um aparelho de educação infantil no contra-turno escolar, da prefeitura com a gestão da UNILAB. Durante os primeiros meses, tive oportunidade de atuar como educador voluntário na área da música no Centro Integrada de Atenção ao Desenvolvimento Infantil – CIADI, que faz a gestão do espaço. Foi um período enriquecedor em que pude dar minha contribuição e acompanhar de perto o trabalho dos educadores, bem como o desenvolvimento de das atividades pedagógicas e o relacionamento entre crianças. No primeiro dia, fui recebido pela equipe de profissionais que me apresentaram a instituição, bem como a rotina diária e as atividades programadas para as crianças. No decorrer desses dias, pude acompanhar as crianças em suas atividades, observando o relacionamento entre elas e perceber de perto a evolução do aprendizado.

Durante meu estágio, notei que os outros colegas educadores trabalhavam de forma dedicada e atenta às necessidades de cada criança. A UNILAB tem um currículo arrojado com base afrocentrada, principalmente no curso de pedagogia. Essa especificidade a Universidade nos forma como educadores com um olhar diferenciado para as culturas locais e métodos didáticos não convencionais. Os educadores demonstravam habilidade em lidar com crianças e em se adaptar às suas personalidades individuais. Assim que iniciei aulas com crianças no eixo da música trabalhamos com as músicas da Guiné-Bissau que falam sobre comportamento, respeito, meio ambiente. No início foi difícil, pois as crianças diziam que eu falo rápido, mas, no decorrer das aulas já estávamos nos adaptando; passaram prestar muita atenção na aula. As músicas de Kilograma que tem como tema *no dibidi rispita mamã*, música de Abu *rispita dirito di bu kumpanher* e até fazemos uma música junto com crianças durante a aula cujo o

tema era “Terra e vida, vamos proteger”. Enfim, foi uma experiência de muito aprendizado, por que a forma que a música é implementada em algumas Escolas na Guiné-Bissau é totalmente diferente. Mas no CIADI a música tem que ser de acordo com o tema do bimestre e também com tema que vai ser tratado na aula. Portanto, foi bom essa experiência onde contei com ajuda de toda equipa da coordenação do CIADI e, agradeço muito por tudo que fizeram por mim durante estágio.

Por tudo isso, a experiência no coral da comunidade Santo Agostinho, na minha própria escola de alfabetização e como educador no CIADI, considero importante utilizar a música na Educação Infantil. A música deve estar adequada ao tema trabalhado durante as aulas com as crianças.

1.3 PROBLEMA:

- Como, em uma comunidade de base oral e multiétnica, é possível identificar a música como instrumento de letramento infantil e analisar essa didática como uma tecnologia utilizável também em outras comunidades, inclusive aquelas que não têm base oral?

1.4 OBJETIVO GERAL

- Investigar a música como instrumento de aprendizagem na Educação Infantil na Guiné-Bissau, analisando o nível de dificuldade ou facilidade de aplicação dessa metodologia em uma comunidade de base oral e composta por diversas etnias.

1.5 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Compreender as possibilidades do ensino da música para crianças.
- Sistematizar os impactos da música como metodologia no ensino da Educação Infantil na comunidade de Hafia, Guiné-Bissau.

2 REFERENCIAL TEÓRICO/ ESTADO ARTE

Para mim, a música na Educação Infantil é como um vaso de flor que alguém planta e cuida todos os dias, esperando ver o brilho dessa flor. Assim, a música funciona como uma

semente plantada na mente das crianças, permitindo que desenvolvam suas capacidades no futuro, criem a partir do que as rodeia e utilizem a música como instrumento dessa criação. Há pessoas que não conseguem estudar sem ouvir música, pois ela faz parte de nossas vidas. A música também desperta a fala, a lógica e a métrica, favorecendo a aptidão para leitura, ritmo e matemática.

O letramento habilita dizeres, é suporte de formações discursivas e de práticas identitárias. É, enfim, instrumento de controle de privilégios e também de transformação e de exercício de poder, o que não deve ser confundido com a habilidade de saber ler e escrever (Nascimento, 2010, p. 02).

Segundo Fernandes *et al.* (2016, p. 5), “A música tem um papel muito importante na educação infantil proporcionando uma experiência sensorial e educativa por meio dos sons, ritmos e melodias”. A música é uma ferramenta incentivadora da criatividade nas crianças e atua como um fator de comunicação na sociabilidade e na convivência coletiva. É especialmente eficaz no período pré-escolar, possibilitando estímulos, equilíbrio e momentos felizes para as crianças.

Com base nisso, é possível afirmar que a essência da música é autêntica, visando estabelecer alegria e acolhimento. Por meio de seus elementos fundamentais (ritmo, melodia e harmonia), a música contribui positivamente para o desenvolvimento das habilidades emocionais, racionais e motoras das crianças, bem como para o desenvolvimento de valores humanos. Segundo Zaboli (1998, *apud* Santos, 2018), a música auxilia o professor em suas funções e favorece o desenvolvimento intelectual, motor e social do aluno, pois acalma, ajuda a enfrentar o isolamento e promove o espírito de iniciativa (Zaboli, 1998, *apud* Santos, 2018, p. 22).

Portanto, a música é um elemento importante no processo de ensino e aprendizagem, pois auxilia as crianças no desenvolvimento intelectual, na motricidade, na concentração, no autocontrole, no enfrentamento do isolamento social, no despertar da criatividade e no desenvolvimento de habilidades como a memória. Além disso, promove alegria e contribui para que a criança se comunique melhor na sociedade, favorecendo a convivência coletiva. Todos esses elementos são essenciais para este estudo, que trata do desenvolvimento intelectual, cognitivo e emocional da criança.

Não há como negar a fala de Zaboli (1998 *apud* Santos 2018) em relação a ação de acalmar e ajudar a enfrentar o isolamento social. A música tem um poder de transformar nossa vida ao ouvi-las, ela pode reduzir a nossa ansiedade e nos deixar alegre. No aspecto comunicativo, a criança que não gosta de falar, de se expor em público consegue através da

música, juntamente com o apoio da educadora e dos pais, se expressar. Porque mesmo sendo tímidas ao despertar para a música, passam conseguir se expor durante a prática da música. Em um ambiente seguro e interativo, no qual cada um tem seu momento de participação, a criança fortalece sua confiança, podendo expressar-se na música e, gradualmente, falar em público.

Ao enfrentar o isolamento social, a criança, ao trabalhar a música é colocada em contato com o despertar das regras de convivência coletiva. Na convivência coletiva, a criança consegue desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe, porque a própria música, por exemplo, no canto coral exige mais trabalho coletivo e não individual. Com certeza, a música ajuda as crianças trabalharem em grupo e saber respeitar a opinião dos outros, alimentando o espírito de equipe.

Percebe-se que, na primeira infância a música desempenha um papel mediador para desenvolvimento da criatividade da criança. (Góes, 2009, *apud* Santos, 2018). Por isso, ela deve ser vista como um instrumento que vai ajudar o professor na forma de sua abordagem sobre o conteúdo ou assunto a ser trabalhado. É possível pensar na música ensinada como conteúdo, temática a ser abordada, mostrando sua importância na vida humana no cotidiano, e também como método, estratégia didática e dinâmica em termos de capacitar os alunos a aprenderem, dar seguimentos do aprendizado, servindo como mediador desse aprendizado, pois ela é por si só lúdica.

A música como um instrumento importante para a formação, pode ser utilizada na educação infantil como meio para estimular o desenvolvimento da concentração, do raciocínio, da memória e da criatividade das crianças. Baseando nessa afirmação podemos dizer que, ao ensinar a música não deve ser com a intenção de formar os músicos. Mas sim, como forma de ajudar o educador ou professor a passar seus conteúdos; para que as crianças possam reter algo sobre a matéria. Para Zenaida Madalena Santos, a música não deve ser voltada exclusivamente a formação de futuros músicos (2018). Ensinar a música deve ser de uma forma lúdica de modo que a ajudar no desenvolvimento da capacidade intelectual e da percepção dos alunos.

Os músicos, sendo pessoas desta área, devem ser formados baseados na regra do contexto e conteúdos específicos da música entre os quais: som, ritmo, instrumentos e ouvido musical. Mas para as pessoas de maneira geral, que não trabalham como músicos, ela deve contribuir para desenvolvimento integral do ser humano. São valores humanos que precisam ser capacitados, orientados e formados que a música pode ajudar a desenvolver na sociedade. Ao permitir que as crianças entrem em contacto com o mundo letrado e lúdico, por meio da música, a criança não só se capacita para o mundo das letras, mas também dos valores sociais. A autora ressalta que a música é um elemento fundamental na primeira etapa do sistema

educativo e cita que a música é determinante nos desenvolvimentos motor, linguístico e afetivo de todos indivíduos estando presentes em todas culturas. (Santos, 2018).

Vale salientar que o uso da música serve para estimular a criança no início da aula, despertando sua atenção e contribuindo para o desempenho no processo de ensino, de acordo com os objetivos planejados pelo professor. Na Educação Infantil, a música também pode marcar a transição entre atividades, ajudando o docente a garantir a concentração na próxima tarefa. Até os nove anos, a criança vive em um mundo de fantasia que começa a se encerrar por volta dos sete; esse imaginário faz com que músicas e histórias se tornem norteadores de comportamentos e valores (Perrow, 2013).

Com base nessa afirmação, a música, como meio de comunicação social, expressa vários elementos em diálogo: instrumentos musicais, lírica, som, ritmo e melodia. A música tem como objetivo sensibilizar, conscientizar, formar e educar a sociedade, capacitando-a moralmente para a convivência. Independentemente do prazer melódico, a mensagem contida na música serve como conselho e lição de moral, sobretudo para as novas gerações.

A música na educação infantil, contribui para expandir a mente e melhorar os resultados dos alunos, ela nos mostra que é uma ferramenta muito valiosa e se é usada de forma correta pode ajudar para crescimento integral das crianças, promovendo aprendizado, expressão e alegria. (Godoi, 2011). Forma lúdica é nessa perspectiva uma forma correta de ensinar as crianças, porque facilita na compreensão do que está sendo ensinado para elas, por isso, que é considerado um método eficaz no processo de ensino e aprendizagem. Essa citação destaca a importância que a música tem na educação infantil, que é promover o crescimento e o aprendizado da criança através da música de uma forma lúdica.

A música desperta a criatividade das crianças quando o professor integra a musicalidade em sua prática em sala de aula. Ao criar canções com as crianças, por exemplo, sobre o tema meio ambiente, o professor utiliza situações do próprio momento da aula, o que contribui para o processo criativo. Por isso, a música também auxilia no desenvolvimento da criatividade infantil.

A música é capaz de contribuir para desenvolvimento da memória, pois provoca a percepção de vários sentidos, raciocínios, ao compreender a própria música no seu todo. Esse exercício de percepção do todo e da repetição de partes da música, como o próprio ritmo, ou os versos, ativa a memória. As crianças conseguem decorar mais rápido quando as estratégias didáticas são formalizadas com a música e passa como prática em forma de conhecimento sem grande dificuldade. Isto é, a música é uma forma de oralidade que serve como instrumento eficaz no sentido de facilitar o desenvolvimento de suas habilidades.

Segundo Sekeff (2007, p.17.) a música é um poderoso agente de estimulação motora, sensorial, emocional e intelectual, informa a psicologia. Sendo assim, não favoreceria o desenvolvimento de nossas potencialidades e a maturação de nossa equação pessoal? A música ajuda no desenvolvimento intelectual se a criança é estimulada quando ainda bebê, isso ajuda desenvolver a área cérebro de uma forma que ela vai poder ter melhor raciocínio. Ao ouvir a música, a criança, mesmo sem consciência, entra em contato com a melodia, o ritmo, a harmonia e também talvez a letra. Essas características da música afetam a crianças cognitivamente de várias formas. Assim, estimula-se várias partes do cérebro; ao ativá-las com a musicalização ao longo de seu processo educacional, incluindo as músicas de ninar que as mães e pais cantam pra as crianças pequeninas. Sabemos que quando temos um raciocínio desenvolvidos, ele serve de ferramenta no processo de ensino aprendizagem.

A música não só estimula as diferentes partes do cérebro, mas também as diferentes partes do corpo, integrando-as, consequentemente integra o corpo como um todo. A integração das partes do corpo incluindo o cérebro ajuda na concentração, já que para trabalhar uma música, seja o baterista, o cantor, ou apenas o aprendiz de música, a pessoa tem que usar todo o corpo, acompanhar o ritmo com os pés, ao mesmo tempo que pensa na melodia. Por exemplo, quando as crianças vão começar a apreender elas começam usando o próprio corpo como instrumento para fazer ritmo. Nesse sentido, não há como produzir música sem estar inteiro, entregue aquilo que está fazendo no presente. Isso é concentração. Mas também essa movimentação complexa das partes do corpo ajuda a desenvolver a motricidade.

Podemos concluir que a música tem um papel importante na Educação Infantil, pois ajuda no desenvolvimento das crianças, estimula a criatividade das crianças, suas habilidades motoras, cognitivas, linguísticas e emocionais. Assim, a música é uma forma de comunicar e de expressar que pode desempenhar um papel relevante no desenvolvimento das crianças nos primeiros anos escolares.

Também ajuda a criar um ambiente lúdico e prazeroso de ensino e aprendizagem que contribui para o comprometimento e a motivação das crianças. Além de servir de incentivo a convivência coletiva, minimizando com o isolamento social, a timidez, emponderando a comunicação interpessoal.

O desenvolvimento infantil é complexo e abrange aspectos cognitivos, orgânicos, motores, emocionais e sociais. Devido a esse contexto, as crianças são seres com diferentes necessidades, ao longo de sua evolução biológica, por isso é normal surgirem questionamentos por parte de pais e educadores se a aprendizagem da música resulta em alguma aprendizagem positiva. Muitas vezes o despertar da criança para o ritmo, ou outra característica da música,

pode vir no despertar da lógica, do raciocínio, da matemática, mas em momentos diferentes – nem todas crianças se desenvolvem no mesmo sentido e nem ao mesmo tempo. No entanto, há suspeita na comunidade de Hafia e em outras comunidades periféricas de Bissau, de que o aprendizado da música não traz bons resultados. Este estigma foi construído, no contexto africano, em oposição a ideia de do processo civilizatório, que teria o homem branco como principal responsável e letrado e o homem negro do outro lado como selvagem, apegado a rituais demoníacos, na maioria das vezes em que a música, o ritmo é parte essencial.

Segundo Trindade e Brandão (2005), ao contrário do que o homem branco imaginou, a África também civilizou o mundo. A autora enumera alguns dos valores entre os quais a humanidade se beneficia por meio dessa tecnologia africana, entre eles está a musicalidade. A música está em vários setores importantes das sociedades africanas e sua potência didática é um valor que ao africano carregaram para a diáspora. Outros valores que a autora trabalha são: memória, oralidade, ancestralidade, ludicidade, comunitarismo, corporeidade, circularidade, energia vital, religiosidade. Ao menos, memória, oralidade, ludicidade, comunitarismo, corporeidade a música como instrumento didático se utiliza.

Se percebe que a música, neste contexto, é primordial para tornar o difícil fácil, pois é um apoio pedagógico importante. A música possibilita ao professor flexibilizar as atividades conforme a necessidades das crianças que se apresentam na hora da aplicação do exercício programado. Portanto, todos esses elementos elencados no texto são muito importantes para o desenvolvimento das crianças no ensino e aprendizagem na educação infantil com música.

4 METODOLOGIA

Para discutir a música como instrumento pedagógico e sua potência enquanto estímulo ao desenvolvimento integral da criança — cognitivo, motor e emocional — será realizado um estudo de caso a partir da “Escola do Marcelino”, localizada no bairro de Hafia, Guiné-Bissau. A experiência é do próprio pesquisador, que a vivenciou, estruturou e acompanhou entre 2011 e 2020, período em que funcionou a Escola de Letramento em Hafia. Assim, duas metodologias

se cruzam: a escrevivência de Conceição Evaristo (2015), utilizada para narrar a experiência vivida, e a História Oral, aplicada em entrevistas com pessoas que vivenciaram a escola ou experiências semelhantes em outros espaços educacionais da mesma comunidade.

O estudo é, portanto, qualitativo, baseado na experiência do pesquisador como professor de letras e de coral (música) para crianças de 4 a 11 anos na comunidade de Hafia, nos arredores da cidade de Bissau. “Aquele que aprende a língua do senhor e constrói a liberdade de maldize! Ao submeter a língua de Próspero – o homem branco -, Caliban – a mulher negra – abre caminho para liberdade” (Evaristo, 2015, p.14).

Para contextualizar a metodologia, recupero como tudo começou. Aos 19 anos, morava na rua Nhima Nhané, no bairro de Hafia, e frequentava a comunidade de Santo Agostinho de Hafia, espaço de convivência coletiva vinculado à Paróquia São João Batista Brás.

No bairro, as pessoas eram próximas; não havia distância física nem simbólica, e a convivência entre os moradores era harmoniosa. Esse é o meu lugar de vivência, a partir do qual sistematizo os conhecimentos que experiencio. Dianne Melo (2020), ao pensar práticas de leitura e escrita com base na escrevivência de Conceição Evaristo, afirma, “o mundo começa a partir de nosso lugar de vivência’ e, a partir daí, ‘à medida que se tem compreensão do que é o nosso lugar de vivência, se torna mais fácil dialogar e compreender o lugar de vivência do outro” (Melo, 2020, p.259).

Minha paixão pela música começou no grupo coral dessa comunidade de onde falo, da Paróquia São João Batista-Brá. Frequentava o grupo de coral e gostava de cantar. Na época fazia a catequese e minha catequista cantava na turma antes de iniciar a catequese. Essa experiência é a que me direciona para compreender a importância da música na vida das pessoas, e principalmente como instrumento de ensino e aprendizagem para Educação Infantil.

Quando comecei a dar aulas de letras e matemática para crianças de 4 a 7 anos, a catequista Aída Gomes Abreu sugeriu que eu utilizasse a música para facilitar e acelerar a aprendizagem. Ela explicou que, ao ensinar as vogais, eu deveria primeiro criar uma melodia, cantar e fazer as crianças repetirem. Depois, quando já soubessem a música, eu poderia escrever no quadro para que reconhecessem as letras e aprendessem a ler.

Percebe-se que a música no sentido que a professora Aída explicou exerce duas funções: uma de controle e direcionamento das crianças para aquilo que deve ser o do aprendizado e outra função é a de sensibilizar as crianças via uma prática comum na comunidade, que é o próprio canto ou a música. Segundo Clifford (1989):

“...a cultura é vista melhor não como complexos de padrões concretos de comportamento — costumes, usos, tradições, feixes de hábitos —, como tem sido o

caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle — planos, receitas, regras, instruções.” (Clifford, 1989. p.73).

A partir da ideia de que a música possui diversas funções na perspectiva cultural, como controle, por meio de suas normatizações, e valores, de acordo com os costumes, contextos, sujeitos envolvidos e motivos para sua realização, percebe-se que seu papel em Bissau é fundamental enquanto expressão cultural.

Assim, pensando a música enquanto uma cultura em Guiné Bissau, hoje entendo que esse enraizamento cultural oral, propiciou um bom resultado na minha docência, ao seguir os conselhos de Aída. Fui para casa fiz a mesma coisa que a minha catequista me instruiu. Depois dessa experiência passei a compreender que a música pode contribuir na educação, ou seja, no letramento das crianças. Passei a utilizar para alfabetização das crianças tanto na leitura como na contagem dos números. Tudo isso aprendi na catequese com minha catequista, que vivia na casa das freiras e me fez apaixonar pela música. Ela iniciava a catequese com uma música relacionada ao tema do dia e, após a explicação, voltava a cantar quando percebia que estávamos cansados. Depois da catequese, íamos diretamente para o ensaio do coral.

As aulas de letramento com crianças, começou por meio de um colega do meu irmão mais velho, chamado Dauda em 2011. Ele tinha quatro filhos os dois mais velhos tinham idade de ir à escola e os outros dois, não (a escola não recebiam pois tinham 3 anos). Então, ele veio falar comigo acerca dos dois filhos dele que ficavam a chorar, enquanto os outros dois estavam indo para aula. Ele me falou: - Olha Marcelino, quero que você me ajude com essas crianças, ensinando o alfabeto a elas aqui em casa. Falei para ele que tudo bem e perguntei sobre o dia que deveríamos começar.

No início, eram apenas quatro crianças: os dois filhos de Dauda e dois sobrinhos meus. Foi difícil, pois eu não tinha experiência e ficava frustrado quando ensinava algo e, no dia seguinte, eles pareciam ter esquecido tudo. Isso me deixava triste, porque achava que não estava correspondendo à confiança depositada. Fui falar com ele e disse: “*Kota, djubi i kasta na da certo*”.²

Continuei e procurei minha catequista, que era educadora, para pedir orientações. Ela disse que eu não poderia falar o tempo todo; quando percebesse cansaço, deveria cantar e brincar com as crianças para relaxarem e depois retomar a aula. Passei então a ensinar o alfabeto e os números cantando primeiro, para depois escrever no quadro. O objetivo inicial era que cantassem e fixassem as letras por meio da música e das brincadeiras. As crianças gostam de

²Traduzido da língua guineense para português: olha, mano não está dando certo.

brincar e cantar e aprenderam muito rápido o alfabeto cantando. Se mostrasse as letras para elas, elas não reconheciam tendo que ler, mas para soletrar sem ler, eles conseguiam. O colega do meu irmão me falou assim: - **“Bu odja keki nfalauba, i di kuma i na da certo?”**³ No final de tudo deu certo, os pais das crianças ficaram contentes e elogiavam sempre e me motivaram a continuar. Utilizando a música como método para melhor ensinar. Depois de terminar ano letivo aquelas quatro crianças já estavam a ler. A escola não tinha nome e passou a ser chamada de “A Escola do Marcelino”.

Por meio da História Oral, irei aprofundar as questões que minha experiência traz para a pesquisa, entrevistando esses sujeitos e sujeitas históricas que conviveram e experimentaram esse momento de ensino e aprendizagem. Segundo Portelli (1997, p. 27), “a desatenção à oralidade das fontes orais tem sustentação direta na teoria interpretativa. O primeiro aspecto que é usualmente destacado é sobre a origem: as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida”.

Nesse sentido, é incrível como existem múltiplas formas de se escrever, de expressar as experiências, aprendendo e ensinando. O mesmo se aplica para a metodologia de pesquisa, existem diferentes formas de se apropriar de um objeto de pesquisa, interpretando-o e sistematizando-o. A maneira com que coletamos os documentos, as nossas fontes são tão diferentes, quanto entender o próprio processo da escrita. É necessário sair do espectro de um único modelo. Para Dianne Melo, “Escrevivência nos ensina, ao contrário, que são múltiplas as formas e procedimentos de inscrição e grafias, possibilitando-nos expandir as potências das narrativas em universos plurais, tais como as tramas hipertextuais do contemporâneo.” (Melo, 2020, p. 194).

Assim como as crianças se expressam por meio da escrita, eu, enquanto pesquisador e professor, também me expressei de maneiras plurais, através da música e da experiência vivida, vinculada a um território e a uma cultura local.

As aulas para as quatro primeiras crianças aconteciam na varanda do meu irmão. Nosso quadro era um contador de placar de um metro quadrado, dado por Dauda Turé. No ano seguinte, 2012–2013, iniciamos com doze crianças no mesmo espaço; depois passamos para uma casa nova, sem portas e sem piso, e posteriormente para uma casa da minha família que havia sido construída para aluguel. As doze crianças não permaneceram o ano inteiro, pois, com

³Viu o que lhe falei, de que ia dar certo?

o início da campanha da castanha de caju, algumas acompanharam suas mães para a ponta, restando sete crianças..

Para mim é muito importante refletir sobre essa minha experiência de docente, pois é possível entrelaçar a minha história com a de outras crianças e outros professores que também precisam ser lúdicos ao ensinar. Melo (2020) define *escrevivência* de Conceição Evaristo como:

a *Escrevivência* permite que as pessoas reflitam sobre seu viver, sua história. Fomenta naquele que lê o desejo de escrever a própria história e compartilhar com os seus, dialogando com outros interlocutores, criando assim um entrelaçar de vozes, sentidos e de elaboração do nosso viver–existir. (Melo, 2020, p. 253).

O que significaria ler e escrever para aquelas crianças naquele contexto? Como elas *escrevivenciar*iam a suas experiências escolares? Depois de terminamos o ano, as crianças já estavam aprendendo a escrever. Elas já conheciam as letras e até conseguiam formar sílabas, por exemplo: b + a = ba, b + e = be... Logo o Dauda me chamou e falou comigo: - ***“Ke ku bo acha di iabri nam escola? Pabu bu bata cobra pelos menos 500cfa. Pabia é utrus tudo ta cobra mas karo⁴?”***

Logo aprovei a ideia que ele me deu. Abri uma escola onde eu pudesse manter meu método de ensino de letramento por meio da música. Assim elas poderiam fixar as letras e até algumas formações silábicas, quiçá de palavras cantadas. Cada ano letivo – outubro a junho – os alunos aumentavam; no ano 2021 /2022, tínhamos 120 alunos, entre os de idade de jardim a 2ª classe. Tinha uma casa nova que ninguém havia morado. Pedi ao dono e passamos a trabalhar nessa casa. A casa tinha três quartos e, dividimos os 120 alunos em dois períodos: período da manhã e tarde. No período da manhã funcionava três turmas, onde tinha 20 crianças por cada sala, tanto no período da manhã, como no da tarde. Em maio de 2022, terminei de construir duas salas no meu terreno, podendo receber duas turmas a mais, mesmo assim, continuamos trabalhar nas outras salas anteriores da casa que nos emprestaram para o funcionamento da nossa escola.

Foi assim que iniciei o projeto de letramento por meio da música em minha própria escola. Dois colegas trabalhavam comigo, Francelino Gomes Có e Lassana Fida Abobe, embora não utilizassem o mesmo método musical. Mais tarde, Aderito Malam Djata passou a integrar a equipe, adotando também a música como método de letramento. Dessa forma, a pesquisa busca identificar as principais dificuldades e desafios enfrentados pelos professores no uso da música como recurso pedagógico na Educação Infantil.

⁴O que acha de abrir uma Escola, onde tu vais poder cobrar mensalidade pelo menos 500 cfa. Por que as outras Escola cobram o valor da mensalidade muito alto.

Nesse sentido, pretendo entrevistar a catequista Aida Gomes Abreu; o amigo do meu irmão, Dauda Turé; a professora de Educação Infantil Judite Té; e o professor Aderito Malam Djata, que trabalhou comigo. Também serão entrevistadas algumas crianças que participaram do projeto e que hoje são adolescentes.

Como documentação, produzirei um caderno de campo baseado em minhas memórias, por meio de um processo de ensaio de escrevivência. Também revisarei e analisarei imagens e vídeos das atividades desenvolvidas na “Escola do Marcelino”, além de realizar leituras bibliográficas sobre o tema.

FONTES (Pessoas a serem entrevistadas)

Entrevistas:

Aida Gomes Abreu- Catequista

Dauda Ture -Pai e colega do meu irmão

Judite Té- Professora

Aderito Malam Djata- Professor

Francelino Gomes Có - colega e Professor de educação Física

Lassana Fida Abobe - Colaborador e financeiro

Sene Ture - aluno

Adama Ture - aluno

Caderno de campo construído a partir de minhas memórias.

Imagens fotográficas e audiovisuais da “Escola do Marcelino”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CLIFFORD, Geertz. A interpretação das culturas. **Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora**, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

FERNANDES, Tânia. GONÇALVES, valdirene polassi. GONÇALVES, Sueli Silva da Mota. SILVA, Elias do Nascimento Silva. Santos Zenilde. Oliveira Angélica. Silva vanilda A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVI, N°. 000090, 27/10/2016. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/musica-na-educacao-infantil>. acessado em: 16/03/2024.

GODOI, Luis Rodrigo. A importância da música na Educação Infantil. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)**. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, v. 7, 2011.

HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino Fula**. Tradução de Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas/ Palas Athenas, 2003.

MELO, Dianne Cristine Rodrigues de. Escrivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.pp244-261.

NASCIMENTO, Elisabete. Afroletramento docente. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL, 5., 2010, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: ALB, 2010. Disponível em: <https://afrocentricidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/afroletramento-docente-elisabete-nascimento.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PERROW, Susan. Histórias curativas para comportamentos desafiadores. **São Paulo: Antropósifica**, 2008.

PORTELLI, Alessandro *et al.* O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História**, v. 14, 1997.

SANTOS, Zenaide Madalena dos. **O movimento e a música na educação infantil**, 2018. 33 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da música, seus usos e recursos**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2007. 190 p.

TRINDADE, Azoilda Loretto & BRANDÃO, Ana Paula. **Modo de Interagir**. Coleção Acor da Cultura. Caderno 3. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Africanidades brasileiras e educação**. Salto para o Futuro. Rio de Janeiro: ACERP, 2013.